



O RÁDIO É A CIDADE: O ANÚNCIO DA MORTE AO MEIO-DIA¹

Cida Golin e Maria da Graça Kreisner

A cidade e o rádio

Estrutura polifônica, o espaço urbano é um suporte perfurado pela linguagem, cruzamento de discursos, vivências, corpos e múltiplas histórias. A cidade, como bem demonstrou Ítalo Calvino, reflete construções imaginárias, fabulações e falas que nela circulam e, a partir dela, são elaboradas¹. Para o antropólogo Máximo Canevacci, compreender uma cidade significa colher fragmentos, lançando entre eles pontes capazes de provocar uma pluralidade de significados ou de encruzilhadas herméticas². O geógrafo Milton Santos encontra ali um campo de forças, uma mistura, o lugar da contradição³, características que Teixeira Coelho sublinha ao descrever esse território como única realidade política concreta para os sujeitos: “a cidade é que existe, a cidade sabe, a cidade vive. A cultura está na cidade, a cultura é a cidade”⁴.

Numa época em que as fronteiras se estilham e mudam de significação, apoiadas em novos sistemas informativos que subvertem noções de espaço e tempo, o *habitat*, a casa, o espaço conhecido, fixo e familiar ganha ênfase no contexto nômade de indivíduos, força de trabalho e mercadorias⁵. Santos lembra que os lugares reproduzem “a totalidade-mundo de modos específicos, individuais, diversos. Eles são singulares, mas são também globais. A cidade, pronta a enfrentar seu tempo a partir do seu espaço, cria e recria uma cultura com a cara do seu tempo e do seu espaço”, ou seja, a existência naquele território exerce um papel revelador sobre o mundo.⁶

Quadros aproxima o rádio e a cidade como desdobramentos do conceito de lugar, onde o homem trava trocas simbólicas com características específicas: locais-

¹ Marcondes Filho, Ciro. 1996, p. 151.

² Canevacci, Massimo. 1997, p.35

³ Tibúrcio, Carlos e Bava, Sílvio. 2001, p. 4 -7.

⁴ Coelho, Teixeira. 2000, p.132

⁵ Ortiz, Renato. 1999, p. 69

⁶ Santos, Milton. 2000, p.112; 132.

1 Trabalho apresentado no NP06 – Núcleo de Pesquisa Mídia Sonora, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



espaços de mediação dentro de determinada cultura. Na urgência de informar, o rádio guarda a qualidade oral do contar, de suscitar a imaginação, um mosaico de vozes, ininterruptas e cotidianas, com um sentido profundo da função de utilidade pública numa comunidade: “a voz que fala é da aldeia, fala para um eu único não fragmentado”.

⁷ Lewis Mumford sublinha o quanto a cidade, na sua origem, deve à aldeia as relações de ordem, estabilidade e vizinhança no compartilhamento do ritmo vital entre os que nascem, trabalham, casam, agonizam e morrem. As cidades antigas, por exemplo, não cresciam além das distâncias das caminhadas ou da audição. “Na Idade Média, ficar dentro do alcance dos sinos de *Bow* definia os limites da *City* de Londres”.⁸

Através da sua sonoridade, imersa num tempo histórico de visualidade excessiva e ruídos intermitentes, o rádio se constitui, de forma estratégica, em alternativa a um cenário de discursos homogêneos que encobrem, muitas vezes, identidades locais. Como contraponto, o veículo serve de voz a uma fala específica e própria. No momento em que se redirecionou, principalmente a partir dos anos 60, deixando a sala de visitas e o entretenimento para a televisão, passou cada vez mais a contemplar notícias e prestação de serviços locais, aproximando-se da cultura da comunidade onde opera. Qualquer manual para iniciantes recomenda que a pauta do veículo privilegie temas próximos, critério de relevância: aquilo que se vê e se conversa na rua, uma informação urgente, um acidente de trânsito, um assalto, o buraco da rua, as reivindicações dos bairros.⁹

A tendência à programação em fluxo, com repetição incessante de blocos, e de notícias, a partir da troca de apresentadores e de faixas de público¹⁰, leva o veículo, cada vez mais, à sincronia com o ritmo e as especificidades de um ciclo de 24 horas. Trata-se, segundo Medistch, do ordenamento circular em função do relógio em detrimento da linearidade do antes e depois. O critério principal passa a ser a fluidez baseada na frequência, na duração do enunciado e na repetição de sua enunciação.¹¹ Nesse sentido, passa a ser um espelho da cidade onde está inserido, refletindo na linguagem cíclica e

⁷ Quadros, Marta. 1997, p. 126; 132 -133

⁸ Mumford, Lewis. 1998, p. 21-11; 76

⁹ Parada, Marcelo. 2000, p. 24; 30

¹⁰ Ferraretto, Luiz Artur. 2000, p.60

¹¹ Medistch, Eduardo. 1999, p. 195-196

1 Trabalho apresentado no NP06 – Núcleo de Pesquisa Mídia Sonora, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



temporal as tragédias cotidianas, a pressa, o ritmo caótico (ou não) do trânsito. A programação em fluxo, tendência de importantes emissoras de radiojornalismo, corrobora a metrópole contemporânea como o lugar do movimento incessante, da multidão, do transporte, do deslocamento em vias expressas, da ditadura da velocidade.

Para se conhecer uma região, uma cidade, um bairro, também é preciso passear pela sua rádio, sua fala e seu sotaque. Com essa pretensão, o Departamento de Comunicação da Universidade de Caxias do Sul (UCS), através do projeto de pesquisa *O rádio é a cidade – A identidade do rádio na região colonial italiana do Rio Grande do Sul*, em andamento desde o segundo semestre de 2001, com apoio do CNPq e FAPERGS, vem resgatando as produções radiofônicas características da região, identificando sua história e peculiaridades de linguagem, a fim de avançar no perfil do veículo regional, colaborando, também para o resgate da memória do rádio em geral. Nesse sentido, é fundamental salientar que a rica história do rádio na região foi parcialmente resgatada em apenas duas publicações¹² e através das monografias produzidas por alunos do curso de jornalismo da UCS. Do material recolhido até o momento, é possível detectar pelo menos três grandes percursos possíveis a partir do centramento analítico no conjunto de programas italianos (em que o dialeto vênето é a linguagem predominante), de caráter religioso (é uma região de forte tradição católica) e de linha humorística a partir de um personagem principal, o gringo Radicci, que dos quadrinhos de jornal ganhou também o rádio (e outros produtos culturais) com a inconfundível voz de seu criador, o cartunista Iotti.

Velocidades possíveis: o radiojornal de Caxias do Sul

Caxias do Sul, segundo pólo metal-mecânico do Brasil, é uma localidade situada no alto da serra gaúcha, a 125 quilômetros de Porto Alegre (RS) e foi fundada por imigrantes italianos do final do século XIX. Apesar da localização geográfica de difícil acesso, a integração ferroviária e a inauguração da BR-116 (1942), via de conexão com grandes centros fornecedores e de consumo, consolidaram o perfil industrial do município. Possui hoje 360.223 habitantes, a renda *per capita* ultrapassa o dobro da média estadual¹³ com 15 mil estabelecimentos industriais e 96 mil trabalhadores empregados na economia formal¹⁴.

Ao meio-dia em ponto, nessa cidade de economia pujante, vai ao ar o Jornal Formolo. Confundindo-se com a existência e a trajetória cinquentenária do rádio na região, o radiojornal traz para

¹² *Comunicação popular* de Olivar Mattia e Valentim Lazzarotto e *Rádio Caxias: 50 anos* coordenado por Mario Gardelin.

¹³ Segundo estudos da PUCRS, foi de US\$10.028,56 em 1998.

¹⁴ IBGE, 2000.

1 Trabalho apresentado no NP06 – Núcleo de Pesquisa Mídia Sonora, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



dentro das casas, e no tradicional horário do almoço, as notícias principais da manhã, a reportagem local e um serviço fixo de utilidade pública: os anúncios fúnebres, achados e perdidos, empregos; resgatando, assim, a função primordial do rádio na cidade, quando era apenas um serviço de alto-falantes instalado na praça central, a Dante Alighieri.

Há nesse radiojornal resquícios de uma temporalidade distinta daquela preconizada pela linguagem predominante das escolas radiofônicas canônicas que elegem a rapidez e a velocidade como características intrínsecas ao veículo. No entanto, na medida em que dialoga com o local em que está inserido, o rádio subverte a lógica da metrópole da comunicação e do consumo, em que a geometria do espaço foi substituída pelo fluxo móvel, instável e fragmentário da comunicação. O informativo, propositadamente, apresenta um outro ritmo, mais pausado, em que a voz empostada do locutor ou os arcaísmos de linguagem presentes em participações sociais ou de luto remetem aos primórdios do veículo. O produto se enraizou de tal forma no cotidiano da comunidade a ponto de o público resistir às mudanças propostas para o formato. Por outro lado, esse fenômeno cultural carrega consigo vínculos precisos entre o rádio e o espaço urbano, entrelaçando o produto radiofônico com elementos fundantes da cidade primitiva, como a praça ou o ritual da morte.

Nesse sentido, Milton Santos já havia comentado que, na família dos imaginários da globalização e das técnicas, encontra-se a idéia de que a velocidade constitui um dado irreversível na produção da história. Para o geógrafo, “somente algumas pessoas, firmas e instituições são altamente velozes. Na verdade, o resto da humanidade produz, circula e vive de outra maneira. O fato da minoria acaba sendo representativo da totalidade”. Na realidade, a vida cotidiana abrange várias temporalidades simultaneamente presentes.¹⁵

O rádio na praça

As primeiras experiências radiofônicas em Caxias do Sul ocorreram entre 1942 e 1944, em pleno apogeu do rádio nacional, como entretenimento massivo. Como todo o Estado do Rio Grande do Sul, a região consumia a programação da Gaúcha, Farroupilha, Tupi, Nacional e de emissoras argentinas, uruguaias e paraguaias. Época da Segunda Guerra Mundial, o governo brasileiro proibira a concessão de canais radiofônicos. Os primeiros exercícios da própria voz se deram, então, no espaço principal da sociabilidade urbana daquele período, a Praça Dante Alighieri, local das flores e das pedras em forma de cachos de uvas, reduto da conversa diária, do boato, dos cinemas, do encontro da missa dominical, do *footing* e ponto de articulação dos “grandes romances” e futuros casamentos abençoados na Catedral Diocesana.¹⁶ Os sons inaugurais saíram da *Rádio Guacira*, na verdade apenas um serviço de alto-falantes comandado pelo jornalista e correspondente do *Diário de Notícias*, Jimmy Rodrigues. Das cinco às nove horas da noite, a cidade pequena e silenciosa, que consumia jornais locais semanais, além dos diários da Capital, escutava, desde a Caipora até o bairro São Pelegrino, músicas, dedicatórias, informações, eventualmente alguma edição extraordinária.¹⁷

Sabe-se que a praça é um espaço que se confunde com a própria origem do conceito ocidental de urbano, e essa primitiva manifestação já reflete a ligação direta do rádio com a cidade entendida como espaço primordial do diálogo. Em seu estado primitivo, a *ágora*, a praça grega, era o local de assembléia, de reunião, um lugar destinado sobretudo à palavra.¹⁸ A praça de Caxias tem pouco mais de um século e serviu de ponto de comércio dos carreteiros e de pouso para colonos. Seus monumentos refletem as narrativas fundantes da cidade, uma homenagem à imigrante Luisa Eberle, pioneira da metalurgia, e ao poeta florentino dos sonetos amorosos, pai da poesia italiana. Justamente no tempo dos alto-falantes, anos da Segunda Guerra, a Liga da Defesa Nacional entendeu que todos os logradouros públicos com nomes estrangeiros seriam um atentado à pátria. A praça Dante passou, então, a se chamar oficialmente Ruy Barbosa, nome posticho revogado em 1990 sem nunca ter, sequer, exigido uma herma ao famoso orador e abolicionista brasileiro.

Em 1946, para suprir a carência de um sistema sonoro que só alcançava moradores próximos à praça, surgia a Rádio Caxias trazendo consigo, no nome, a identidade de sua cidade. Instalada na sede do Recreio Guarany, *A voz da metrópole do vinho* tinha como antena dois paus de eucaliptos fincados na

¹⁵ Santos, Milton. 2000, p.127

¹⁶ Depoimento do radialista Dante Andreis, março de 2002, para a pesquisa *O rádio é a cidade*.

¹⁷ Gardelin, Mario. 1996.

¹⁸ Munford, Lewis. 1998, p.166.

1 Trabalho apresentado no NP06 – Núcleo de Pesquisa Mídia Sonora, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



horta do clube. A emissora entrava no ar das 11 às 14 horas e das 17 às 22 horas. Sua programação seguia as escolas da Rádio Nacional e da Tupi e havia, entre a comunidade, um sentimento forte de identificação com o novo veículo apesar da pouca quantidade de aparelhos receptores¹⁹, tanto que em 1958 foi necessário instalar, novamente, alto-falantes na praça para transmitir a Copa do Mundo. O rádio funcionava, sobretudo, como um correio, nos moldes do sistema da Rádio Guacira, permitindo que os serranos das colônias e de localidades vizinhas transmitissem mensagens aos seus familiares num período de acesso elitizado ao telefone: “Alô família de João da Silva. Ele comunica que seguirá no ônibus de sábado. Pede para aguardá-lo com montaria, na porteira da fazenda...”²⁰. Ainda hoje, em Forqueta, bairro de Caxias do Sul, o alto-falante da Igreja, em frente à praça, desempenha um papel norteador no cotidiano, divulgando notícias de interesse e convocando a comunidade para reuniões e eventos afins.²¹

A rádio Caxias foi inaugurada em 27 de abril de 1956, e em junho estreava na programação o radiojornal das 12h15min que, desde o início, constituiu-se num significativo espaço radiofônico, considerando que a população, naquele período, só contava com jornais impressos semanais. O apresentador Vivaldo Vargas, há 20 anos a voz principal do noticioso, lembra que bastava andar nas ruas principais da cidade para ouvir o programa²². Comércio fechado, era a hora de sintonizar o informativo durante a importante comunhão do almoço, do retorno à casa. Na mesa, havia o diálogo e o silêncio dos ouvintes em contraponto com a voz sóbria do jornal interpretando as notícias da comunidade. A chamada *portaria* (no térreo do prédio, onde até hoje o público leva suas notas pagas), sempre pautou cada edição do radiojornal com um número variável de notas *úteis*, anúncios fúnebres, achados e perdidos. Era comum o anúncio não só das mortes, mas também dos nascimentos e, diretamente pelo rádio, dos convites para padrinhos de batismo.²³ Curiosamente, foi em Caxias do Sul, através da Rádio e TV Caxias, cuja emissora de televisão foi comprada posteriormente pela RBS, que surgiu o primeiro Jornal do Almoço²⁴, tradicional programa televisivo, confirmando a importância do meio-dia como um instante de busca da informação e de se voltar aos assuntos comuns.

¹⁹ Mattia e Lazzarotto. 1996, p.67

²⁰ Gardelin, Mario. 1996, p. 45

²¹ Pesquisa realizada por Camila Moschen em 2001.

²² Depoimento de Vivaldo Vargas para a disciplina de Rádio I, UCS, dezembro de 2001.

²³ Entrevista concedida pelo radialista Dante Andreis em abril de 2002, um dos mais antigos colaboradores da Rádio Caxias.

²⁴ Depoimentos de Vivaldo Vargas e Nestor Gollo; conferir monografia *Jornal do Almoço: 26 anos de Shirley de Barros Paravisi*, Universidade de Caxias do Sul, 1998.

1 Trabalho apresentado no NP06 – Núcleo de Pesquisa Mídia Sonora, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



O meio-dia

Trata-se de um instante emblemático. Basta um breve percurso pelo simbolismo do número 12 para verificar sua condição espaço-temporal, marco dos ciclos²⁵. Anunciadas sempre pelos sinos das principais Igrejas, as doze horas são exatamente a metade do dia, ponto tradicional da parada, do descanso, horário biológico do alimento necessário para a sustentação do trabalho e demais atividades diárias do sujeito. Ainda permanece, na cidade e região, o hábito do almoço, do retorno à casa, do encontro com a família. Refletindo a tendência apontada por uma pesquisa qualitativa²⁶, o diretor da emissora Evandro Fontana é taxativo: “Além da polenta e da massa, é o momento de se alimentar das coisas da cidade, da casa”.

Após mais de meio século de existência, o radiojornal do meio-dia se mantém como um dos pilares da programação da emissora pioneira. Essa posição é confirmada pelos resultados da pesquisa IBOPE, de 2001, em que 264 mil pessoas foram consultadas. O Jornal Formolo, como agora é chamado (Formolo é o patrocinador),²⁷ ficou em primeiro lugar na audiência de AM (5.68%), entre todas as classes sociais, sendo o horário do meio-dia responsável por uma audiência de 4%. Outras emissoras como a Difusora Caxiense e a Rádio São Francisco também investem no jornalismo geral nesta faixa, enquanto a Universidade AM apresenta um programa de esportes.

Dividido em sete blocos, o radiojornal dura cerca de uma hora. A primeira metade se constitui do noticiário propriamente dito, priorizando reportagens nas cidades de cobertura. Demais informações, de relevância nacional e internacional, são tratadas em pequenos textos lidos pelos dois apresentadores. A segunda parte é destinada a serviços de utilidade pública como avisos de desligamentos de água e luz, trancamento de ruas, achados e perdidos, oportunidades de trabalho, eventos sociais e as famosas participações de luto. Em geral, a linguagem remonta às primeiras escolas radiofônicas de que o *Repórter Esso* foi o paradigma. A locução é compenetrada e pomposa. Há um ritmo mais lento do que aquele utilizado no restante da programação da emissora. O uso de trilhas e efeitos sonoros é discreto e contido. O Ibope indica que mais de 60% da audiência é formada por pessoas acima de 40 anos, confirmando uma das tendências verificadas na sintonia das AMs, o envelhecimento do público.²⁸ Os ouvintes do Formolo, cujos depoimentos foram recolhidos e registrados, possuem mais de 50 anos.

“(...) Quando dá o noticiário, eu vou perto escutar pra ver bem as coisas.”

“(...) Porque eu tô sozinha, pego o meu prato e já vou lá perto pra mim assistir.”

“(...) A gente presta atenção, né, nas coisas que vê. Com alguma coisa a gente fica conversando, mas é pouca coisa. A gente gosta é de prestar atenção mesmo.”²⁹

²⁵ Segundo o Dicionário de Símbolos, o doze é, sempre, o número de uma realização, de um ciclo concluído. Trata-se do produto dos 4 pontos cardeais pelos 3 planos do mundo. Divide o céu (12 signos do Zodíaco), o ano (12 meses), assim como o tempo para os povos chineses e da Ásia Central (grupos de 12 anos), além dos ciclos solar e lunar (60 anos). Cf. Chevalier et al. 1990.

²⁶ Segundo depoimento de Evandro Fontana em março de 2002, a empresa de pesquisa Monófrío apontou, em 2000 que, no horário do meio-dia, o ouvinte se mantém ativo e demanda notícias locais, informações de sua comunidade. Já no final da tarde, busca uma programação mais relaxante.

²⁷ Atualmente, são as Lojas Formolo, de materiais de construção, que emprestam seu nome ao radiojornal. Segundo Dante Andreis, ele já se chamou Chies, Maesa, Cerveja Pérola, Industrial Madeireira.

²⁸ Maranini, Nicolau. 2001.

²⁹ Depoimentos de ouvintes do radiojornal Formolo recolhidos durante o período de janeiro a fevereiro de 2002 pela bolsista CNPq, Camila Moschen.

1 Trabalho apresentado no NP06 – Núcleo de Pesquisa Mídia Sonora, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



Um aspecto que emerge na maioria dos depoimentos é a insistência de alguns ouvintes em utilizar as expressões “assistir” e “ver de perto” ao se referirem ao informativo. Os enunciados, de alguma forma, remetem ao núcleo da linguagem radiofônica: a criação de imagens mentais. O discurso radiofônico, ao deflagrar representações, aciona esquemas cognitivos, que trazem à tona a memória, a imaginação e o sentimento de pertencimento ao lugar pelo atualizar-se e reviver experiências compartilhadas.

O anúncio fúnebre

Assim como na rádio Garibaldi, emissora do município de mesmo nome, a 42 quilômetros de Caxias, ainda é possível saber quem está no hospital da comunidade através do *Boletim Hospitalar* veiculado no horário do meio-dia,³⁰ os caxienses elegeram o Jornal Formolo como o espaço primordial para o anúncio da morte. Trata-se de uma das etapas de um ritual de passagem: a separação do morto da comunidade dos vivos e sua integração na comunidade dos mortos, um percurso feito à margem de duas realidades antagônicas: a vida e a morte.³¹ No mesmo horário, a outra emissora concorrente, a São Francisco, de propriedade dos Freis Capuchinhos, também veicula convites de enterro e missas de aniversário, textos antecedidos com a sonoridade grave do sino de uma Igreja. Antes do advento do rádio, os avisos de falecimento eram registrados em folhetos, marcados com uma cruz, e colados em todas as principais lojas de Caxias do Sul.³²

Desde os primórdios do radiojornal, o anúncio fúnebre é tratado como uma notícia e, conforme o tempo dos espaços vendidos, pode suprimir matérias previstas no segmento do jornalismo informativo. As notas fúnebres, responsáveis por 5% do faturamento anual da emissora³³, respondem aos ouvintes cativos do programa, geralmente à terceira idade, um segmento naturalmente acostumado a esta temática. No seu instigante estudo sobre *O homem e a morte*, Edgar Morin lembra como o ego dos velhos está próximo do ego dos moribundos; psicologicamente, a velhice seria um estado de simpatia e de preparação para a morte.³⁴

“Sim, eu aviso, ligo. As notas fúnebres eu sempre assisto, sempre, sempre.”

“Aquele que morreu, o que mais importa, pra mim, é nota fúnebre.”

*“A nota fúnebre, porque **dopo** o resto não me interessa, né.”*

³⁰ Rosa, Diego. 2000. Monografia de conclusão do Curso de Jornalismo, UCS.

³¹ Samain, Etienne. 2000.

³² Segundo o levantamento realizado pelo bolsista Gustavo Deon, em Flores da Cunha, cerca de 16 quilômetros de Caxias, o alto-falante da paróquia Nossa Senhora de Lourdes, na praça principal da cidade, ainda é o principal veículo para avisos de falecimento. Sem custo algum para os familiares, o texto é lido pelos freis entre às 8h e 18h30min, e o som se propaga até seis quadras além da praça. Ao toque da música característica, todos param, estacionam os carros, interrompem aulas, aproximam-se das janelas para escutar os anúncios de morte. Há dois anos, uma juíza, alegando prejuízo ao descanso dos moradores, tentou encerrar o serviço. Em vão: a população local protestou, e a tradição de quase meio século permanece viva.

³³ O faturamento anual da emissora, segundo Evandro Fontana, é de aproximadamente dois milhões de reais.

³⁴ Morin, Edgar. 1997, p.316.

1 Trabalho apresentado no NP06 – Núcleo de Pesquisa Mídia Sonora, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

“Gosto mais de tudo. Ouvir aquele que morre, né. Ouvir o enterro.”

“É, de todo o noticiário que dá, um acontecimento, os falecido, os falecimento.”³⁵

Conforme revelam alguns ouvintes do programa, o anúncio da morte concentra as atenções, nenhuma outra atividade é realizada nesse momento. Há sempre a expectativa em relação ao nome de um parente ou conhecido, e a obrigação de repassá-la adiante, ao vizinho, aos amigos, concretizando o luto social necessário para fechar a ferida dos indivíduos sobreviventes. Tal hábito foi criado e reforçado pela emissora durante mais de meio século de existência apoiado no início pela inexistência de diários impressos, apenas semanais. Gerações de famílias passaram pela portaria da Rádio Caxias para cumprir o ritual derradeiro (enterro) ou periódico (anúncio das missas em memória do falecimento). Uma tentativa recente de exclusão dessa prática, no radiojornal, gerou protesto do público, determinando o retorno do modelo antigo³⁶.

Encontra-se aí, como na praça, mais um vínculo forte entre o rádio e o espaço urbano. A questão da morte, a ferida irreparável do homem³⁷, sempre exigiu o território fixo. Sabe-se que a origem da cidade se encontra no respeito do homem, mesmo o de Neandertal, pelos seus mortos. Conforme Mumford, em meio às andanças do homem paleolítico, os mortos foram os primeiros “a ter uma morada permanente; uma caverna, uma cova assinalada por um monte de pedras, um túmulo coletivo. Constituíam marcos aos quais provavelmente retornavam os vivos, a intervalos, a fim de comungar com os espíritos ancestrais ou de aplacá-los. (...) A cidade dos mortos antecede a cidade dos vivos”³⁸.

Em um tempo feito de estratégias para recusar a transitoriedade da existência, de juvenilização dos corpos e de horror à velhice³⁹, o radiojornal serve como um suporte de expiação, de verbalização ou exibicionismo da dor da perda. Ao contrário de outros períodos históricos, o século XX assistiu à dificuldade do indivíduo em elaborar sua

³⁵ Depoimentos colhidos entre janeiro e fevereiro de 2002 pela bolsista CNPq Camila Moschen.

³⁶ Depoimento de Evandro Fontana.

³⁷ Morin, Edgar. 1997, p. 104.

³⁸ Mumford, Lewis. 1998, p.13.

³⁹ Filho, Ciro Marcondes, 1996, p. 374.

1 Trabalho apresentado no NP06 – Núcleo de Pesquisa Mídia Sonora, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



própria morte, perseguindo todas as formas possíveis de ocultamento. Segundo Ariès, há uma negação e uma dificuldade em lidar com o moribundo expressa também no discurso médico: é preciso não falar na morte iminente⁴⁰. Simultaneamente, o hospital torna-se o local adequado para se morrer: o confinamento temporal e espacial da morte é tão forte que a maioria dos óbitos ocorre em UTIs.⁴¹

Com um tom mais grave e menor velocidade na emissão da fala, para acentuar o clima triste ou melancólico, e a ênfase em consoantes que configuram o sotaque local, como a pronúncia carregada do /R/, a voz do radiojornal serve de veículo para interpretações de discursos diversificados sobre a morte, desde composições em que o luto é compartilhado de forma socialmente contida até exposições de caráter mais íntimo e pessoal.

XXXXXXXXXX, esposa, filhos, nora e netos de XXXXXXXX, pesarosos com o seu falecimento, participam que os atos fúnebres terão lugar amanhã, dez horas. O féretro sairá da sala B das Capelas São José, já encomendado para o cemitério público municipal, onde será dado à sepultura. Noticiamos o falecimento de XXXXXXXX.

Convite para missa de sexto mês de falecimento de XXXXXXXX. Querido e saudoso XXXX. Hoje faz seis meses que partiste desta vida, nos deixando na mais profunda tristeza e silêncio. Quanta saudade sentimos de ti. Nossas filhas estão crescendo, e a cada dia que passa estão mais bonitas, pois se parecem tanto contigo! A XXXXXX, todos os dias, reza por ti e a XXXXXXX chama “Papai”. É difícil, muito difícil, enfrentar o dia-a-dia sem a tua presença. Rezamos para que tenhas paz e sentimos que podemos contar com a tua proteção, junto a Deus. (...)

Convite para missa de sétimo ano de falecimento de XXXXXXXX. Querida mãe! Faz sete anos que partiste para a eternidade e nos deixaste somente tristeza e saudade para tua família. Mãe, neste mundo tudo continua igual, o sol ainda brilha lá no alto; a noite apareceu misteriosa no céu. Quando a lua é cheia com o coração apertado de saudade, olhamos para o céu, e na imensidão vemos a imagem daquela que há sete anos partiu desta vida. Todo o sofrimento do mundo não te trará de volta, mas a oração dará paz a tua alma. Não há palavras que digam a saudade imensa que sentimos de ti. Te amaremos sempre! (...)

Convite para missa de primeiro ano de falecimento de XXXXXXXX. XXXXXX! O Anjo da Noite, mensageiro da Vontade Divina, veio colher no jardim de nossa família a flor mais viçosa e perfumada para plantá-la no canteiro eterno. E, enquanto aguardamos o vosso chamado, faremos descer sobre ti as nossas lágrimas, acompanhadas das preces fervorosas em sufrágio de tua bela alma, que ainda vive no coração amargurado de seus entes queridos. (...)⁴²

Chama a atenção de qualquer ouvinte, ou leitor, a emoção compartilhada com o público em relação à morte, à perda, à dor da vida que prossegue. A morte, na grande maioria dos textos, é associada à saudade entendida como tristeza, ao sofrimento de quem fica e aos diversos elementos naturais (flor, céu, sol, noite, lua). Uma mesma nota fúnebre pode ser veiculada em horários distintos do obituário (início, meio e fim), se for paga para isso. Da parte dos interessados, há uma necessidade de vincular seu

⁴⁰ Ariès apud. Héctor Leis, mimeo.

⁴¹ Castells, Manuel. 2000, p.479

⁴² Tais anúncios foram veiculados em 2001 no radiojornal Formolo, e, para fins analíticos dessa exposição, suprimimos os nomes envolvidos nas notas emitidas.

1 Trabalho apresentado no NP06 – Núcleo de Pesquisa Mídia Sonora, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



nome ao do morto, de escutá-lo no rádio como uma homenagem derradeira⁴³. Persiste, também, uma certa resistência do público em abandonar algumas expressões em desuso, como por exemplo, *o corpo será dado à sepultura*. Esse arcaísmo, repetido diariamente, no entanto, lembra outro termo, *dar à luz*, revelando, pela linguagem, o ciclo de vida e morte, da saída e retorno ao útero (mãe e terra). Conforme Mircea Eliade, o simbolismo do regresso ao ventre tem sempre uma valência cosmológica.⁴⁴ Ou como escreve Etienne Samain, o morto deve deixar sua casa (cultura) para voltar à terra (natureza).⁴⁵

Muitos dos textos emitidos são fornecidos pela própria rádio, outros chegam pelo próprio anunciante. Percebe-se, muitas vezes, a criação de um forte clima emocional, de interlocução direta com aquele que morreu, através da voz do locutor, socializada com a comunidade, adquirindo uma autoridade quase religiosa. É possível aproximar-se, nesse momento, de algumas idéias desenvolvidas no livro *O mito no rádio*, em que Mônica Nunes associa o discurso mítico a alguns rituais da programação radiofônica. Sabe-se do valor mágico outorgado à palavra pelas culturas orais primárias, em que a palavra falada possui poder sobre as coisas, e do quanto o homem arcaico vale-se de todos os recursos mágicos-religiosos para reduzir seu sofrimento. A voz adquire uma função estratégica nesse ritual de despedida em que é impossível separar a mensagem verbal da vocal⁴⁶. Para a autora, trata-se de algo inevitável: “Em torno do rádio, somos sociedade sem escrita, pois a voz-música e a palavra oralizada são as únicas possibilidades de apreensão do sentido”.⁴⁷

Considerações finais

O rádio sempre encontrou na prestação de serviços e nos textos de utilidade pública uma saída segura na concorrência com as outras mídias. O radiojornal Formolo, obviamente, está dentro do contexto de informar o global e se concentrar no local⁴⁸, e o faturamento advindo desse segmento assegura sua permanência e, portanto, sua condição de hábito cultural. Tanto que, após as participações de luto, os serviços continuam. São achados e perdidos, convites para festas, eventos religiosos, descrições minuciosas de cães de estimação perdidos.

O contraste dos enunciados choca o receptor acostumado com as principais regras dos manuais de radiojornalismo (O próprio apresentador Vivaldo Vargas adota técnicas para não rir quando precisa ler as notas pagas sobre “cadelinhas doentes e perdidas e crianças deprimidas”)⁴⁹. No entanto, revela-se aí apenas o território urbano na sua essência; o veículo é um dos seus desdobramentos, uma de suas vias de circulação sob o ponto de vista orgânico. Já foi comprovado o quanto o rádio, pelo menos no caso analisado de Caxias do Sul, carrega consigo elementos primordiais do território urbano como espaço do diálogo e da memória. Há uma relação simbiótica entre o cidadão caxiense e a emissora, traduzida tanto na resistência do público à modernização do formato radiofônico, quanto no emaranhado de reminiscências individuais e coletivas que autoriza o noticioso a transitar no limiar trágico da condição humana, fronteira entre a vida e a morte.

A cidade, já escreveu Maffesoli, é aquela onde nossos afetos se enraízam, onde se vive na imperfeição. Serve como imagem da especialização da socialidade, em que os mínimos atos da vida banal constituem uma ambiência que se desmembra em vários territórios. O cotidiano que ela exprime está centrado no presente; trata-se de uma temporalidade fragmentada, onde a repetição funciona como um

⁴³ Vale registrar o depoimento do bolsista FAPERGS, Gustavo Deon, sobre o falecimento de seu avô em dezembro de 1993: “A comunidade de São Maximiliano, a 40 quilômetros de Caxias do Sul, assistia ao velório de Cândido Deon, agricultor famoso na região, homem de Igreja, trabalhador, carismático e alegre. Filhos, amigos e parentes espalhavam-se pela Igreja, próximos ao corpo do falecido, e lamentavam o fato. Exatamente ao meio-dia, lentamente, a maioria dos presentes retirou-se da Igreja, deslocando-se até o Salão Paroquial. Rádio ligado, a voz de Vivaldo Vargas devorava as notícias até o momento esperado das notas de falecimento e, por conseqüência, das lágrimas. Terminada a lista dos mortos, parentes e amigos retornaram à Igreja. Missão cumprida: a notícia foi veiculada e todos tomaram conhecimento da morte de Cândido.”

⁴⁴ Eliade, Mircea. s/d, p.202.

⁴⁵ Samain, Etienne. 2000

⁴⁶ Nunes, Mônica. 1993, p.101; 141.

⁴⁷ Nunes, Mônica. 1993, p. 145.

⁴⁸ Klockner, Luciano. 2001, p. 160.

⁴⁹ Depoimento concedido aos bolsistas Camila Moschen e Gustavo Deon em 10.04.2002.

1 Trabalho apresentado no NP06 – Núcleo de Pesquisa Mídia Sonora, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



não-tempo. A ritualização representaria o imutável, numa espécie de proteção contra a angústia do devir.⁵⁰ O rádio, portanto, vive da temporalidade presente e cíclica, refletindo todos os tempos possíveis e simultâneos: a velocidade e a lentidão, o futuro e o passado. Tanto no rádio, como na tv, os tempos formatam-se em programas e programações. Como descreve Signates: “é o tempo da rua visualizado nas programações, de forma minutada, marcado por vinhetas e dividido em usos cronometrados. Os usos e as práticas subvertem essa linearidade, transformando-a em modos de vida, em sinais rituais, convertendo o rádio e a tv em relógios”.⁵¹

Manuel Castells, ao analisar a sociedade contemporânea que busca romper com a marcha cronológica linear numa espécie de cassino global, lembra o quanto o tempo, não só na natureza mas também na sociedade, parece ser específico a um determinado contexto local. Na contramão da velocidade ou dos paradigmas escolares do radiojornalismo, o Jornal Formolo permanece no ciclo periódico da sonoridade efêmera, refletindo, todos os dias, um dos tempos possíveis de sua cidade. Ancorado no horário do almoço, vincula-se, sobretudo, à temporalidade cíclica e rítmica da casa, marcada pela entrada e saída das pessoas. Traz a rua para o espaço doméstico. “O sujeito da comunicação, do interior de seu cotidiano, picota a programação em disponibilidades, recusando e modificando os sentidos da temporalidade linear, ao submetê-la à ordem da casa, dentro do próprio ato de submeter-se à ela.”⁵²

Para esquecer do tempo que escorre, é preciso repetir, organizar a vida em ciclos repetitivos. As práticas amorosas, os hábitos culinários, a relação com a palavra, os relacionamentos de amizade ou vizinhança, as formas de se vestir e as maneiras de morar, enfim, os rituais da vida cotidiana são, para Maffesoli, marcados pela noção de limite, pela gestão da morte⁵³. Arauto dos mortos, atingindo a todos, inclusive uma população de hábitos rurais, o Formolo é o dia-a-dia que passa na circunstância cotidiana dos sobreviventes. Gerações de ouvintes caxienses se sucedem na *portaria* da rádio, pautando, com suas perdas, pequenas tragédias ou alegrias, a vida que continua. Esse vínculo é tão forte, tão coloquial, que o locutor pode despedir-se de seu público fiel, ao final da edição, com um espontâneo “Até amanhã, se Deus quiser”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CANEVACCI, Massimo. *A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana*. São Paulo: Studio Nobel, 1997.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- CHEVALIER, Jean et al. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.
- COELHO, Teixeira. *Políticas culturais*. São Paulo: Iluminuras, 2000.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. Lisboa: Edições Livros do Brasil, s/d.
- FERRARETTO, Luiz Artur. *Rádio – o veículo, a história e a técnica*. Porto Alegre: Sagra, 2000.
- GARDELIN, Mário (Org.) *Rádio Caxias – 50 anos*. Caxias do Sul: Educ, 1996.
- KLOCKNER, Luciano e BRAGANÇA, Maria Alice. Radiojornalismo de serviço: AM e FM em tempos de internet. In: MOREIRA, Sônia e DEL BIANCO, Nélia. *Desafios do rádio no século XXI*. São Paulo: Intercom/Rio de Janeiro: UERJ, 2001.
- LEIS, Héctor Ricardo. A sociedade dos vivos: as dificuldades da modernidade para enfrentar a morte (mimeo). *IX Congresso Brasileiro de Sociologia*, 1999.
- MAFFESOLI, Michel. *A conquista do presente*. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.
- MARANINI, Nicolau. As transformações do AM: perspectiva da programação frente à concorrência do FM. In: MOREIRA, Sônia e DEL BIANCO, Nélia. *Desafios do rádio no século XXI*. São Paulo: Intercom/Rio de Janeiro: UERJ, 2001.
- MARCONDES FILHO, Ciro (Org.). *Pensar – pulsar: cultura comunicacional, tecnologias, velocidade*. São Paulo: Edições NTC, 1996.

⁵⁰ Maffesoli, Michel. 1984, p. 58.

⁵¹ Signates, Luiz. 2000.

⁵² Signates, Luiz. 2000.

⁵³ Maffesoli, Michel. 1984, p. 88; 93; 114



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

- MEDISTCH, Eduardo. *A rádio na era da informação. Teoria e técnica do novo radiojornalismo*. Coimbra: Minerva, 1999.
- MORIN, Edgar. *O homem e a morte*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- MUMFORD, Lewis. *A cidade na história*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- NUNES, Mônica. *O mito no rádio – a voz e os signos de renovação periódica*. São Paulo: Annablume, 1993.
- ORTIZ, Renato. Um outro território. In: BOLAÑO, César. *Globalização e regionalização das comunicações*. São Paulo: EDUC/UFS, 1999.
- PARADA, Marcelo. *Rádio: 24 horas de jornalismo*. São Paulo: Panda, 2000.
- QUADROS, Marta Campos de. Rádio e cidade: aproximações de mapas noturnos de tempos e espaços. *Revista Famecos*, Porto Alegre, n.6, junho de 1997.
- SAMAIN, Etienne. Memórias antropológicas em torno de um álbum fotográfico, morte e história. CD-ROM *Compós*, 2000.
- SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização – do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- SIGNATES, Luiz. O sujeito da comunicação. CD-ROM *Compós*, 2000.
- TIBÚRCIO, Carlos e BAVA, Silvio. Entrevista com Milton Santos: “Quem está na frente é o povo”, *Cadernos Le Monde Diplomatique*, janeiro de 2001, n.2.